

Covas em Volta Redonda, perdendo votos.

Se depender dos votos dos metalúrgicos de Volta Redonda, onde esteve ontem para lançar sua campanha em direção ao Planalto, Mário Covas, do PSDB, terá que fazer uma nova tentativa. Em entrevista ao vivo a uma emissora de rádio local, Covas acabou escorregando na resposta que deu a uma ouvinte. Disse que era admirador e amigo do diretor de operações da Companhia Siderúrgica Nacional, Ari Souto — o mesmo que é diariamente atacado pelos metalúrgicos e sindicalistas de Volta Redonda. Ao lado do diretor de sindicatos da categoria, Wagner Barcellos, Covas percebeu a tempo o deslize, tentando consertar. E emendou, dizendo à ouvinte que Ari Souto é um “excelente caráter”, mas procuraria saber o que estaria ocorrendo.

Não foi por acaso que Covas iniciou sua campanha no Estado do Rio por Volta Redonda. É lá que o presidente estadual do PSDB, deputado Ronaldo César Coelho, mantém sua base política — uma região que

tem permanecido nos noticiários desde o final do ano passado, particularmente por causa da violência. Covas caminhou ontem pela cidade, visitou o monumento destruído pelas bombas no último dia 2 e reuniu cerca de 150 pessoas durante o almoço — entre elas líderes regionais do PSDB, além de representantes do PT, PC do B, PDC, PFL, PMDB, PSB, PDT, sindicalistas e até o bispo de Volta Redonda, dom Valdir Calheiros. Hoje, ele permanece no Rio, onde deverá repetir o mesmo programa na Baixada Fluminense.

Sobre o vice de sua chapa, Covas adiantou que ~~sairá de Minas ou do Nordeste~~. “Até agora, só nos fixamos em áreas geográficas, não em nomes”, esclareceu. E não se negou a fazer comentários sobre os concorrentes. Collor de Mello, segundo ele, “fala o que todo mundo quer ouvir, principalmente em cima da palavra marajá”. Quanto a Leonel Brizola, lamentou ser difícil definir sua posição por ser daqueles que sempre dizem

“deixa que eu seguro a garrafa”. Lula é um problema, na opinião de Covas: “Ele terá que funcionar por resultantes, relacionando seu programa com o poder político que o partido adquiriu ao chegar ao poder nas últimas eleições”. Quanto a Ulysses Guimarães, disse que o PMDB, na prática, mudou o discurso que sempre fez.

Dos metalúrgicos de Volta Redonda, Covas ouviu reclamações. O sindicato entregou a ele um documento pedindo que apoie a categoria em suas reivindicações de emergência. Como resposta, disse que, se fosse presidente, não privatizaria a CSN, e recomendou ao eleitorado que vote num candidato confiável. “É preciso dar um banho de caráter neste país”, disse. “É preciso que a corrupção não seja mais acompanhada de impunidade, para que não se jogue mais bombas por aí.” Muito aplaudido, prometeu que se o PSDB ganhar a eleição em novembro, “quem vai subir a rampa do Palácio do Planalto é o povo brasileiro”.